

O ASPECTO TEMÁTICO-ATEMPORAL EM *FRANKENSTEIN, OU O PROMETEU MODERNO*, DE MARY SHELLEY

Santiago Daniel Dubra (IC) e Lilian Cristina Correa (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackenzie 

RESUMO

Este artigo teve como objetivo analisar o romance *Frankenstein, ou O Prometeu Moderno*, de Mary Shelley sob uma perspectiva temática e mitológica, de maneira a identificar os aspectos responsáveis por sua atemporalidade.

Palavras-chave: Frankenstein. Atemporal. Temático.

ABSTRACT

The objective of this article is to analyse the novel *Frankenstein, or The Modern Prometheus*, by Mary Shelley, through a thematic and mythological perspective, allowing the identification of the elements responsible by its timeless state.

Keywords: Frankenstein. Timeless. Thematic.

1. INTRODUÇÃO

A produção artística já se provou um objeto de estudo proveitoso para diversas áreas do conhecimento. Sendo constituída por uma convergência de visões sociais, culturais, históricas e políticas, expressas através do prisma subjetivo de um artista imerso em um contexto específico, portanto, trazendo elementos exteriores à obra para sua interioridade.

Esta confluência de fatores atinge sua potência máxima na produção literária, mais especificamente inserida no gênero “Romance”. Isto se deve, em parte, aos recursos específicos oferecidos pela prosa, que dão ao autor a capacidade demiúrgica necessária para construir uma visão totalizante de mundo, que acaba sendo influenciada por sua própria cosmovisão profunda. Esta capacidade apenas encontra limites na necessidade de uma verossimilhança interna à obra, que mantenha a unidade do romance, sendo esta, em certo nível, também delimitada pelo autor.

[...] nenhuma coação lhe impede os movimentos, salvo a que decorrer das leis que presidem a obra em processo [...] o romancista obedece aos limites do universo da narrativa, seja qual for a magnitude do espaço abrangido e seja qual for a técnica empregada. A verossimilhança interna, entendida como a coerência entre as partes constitutivas do romance, há de ser preservada. (MOISÉS, 2006, p.165)

Portanto, o romance é um exemplo primo da convergência de múltiplas áreas do conhecimento em uma refração influenciada. Sua construção é norteadada por um princípio criador que possui total liberdade na utilização dos recursos próprios do gênero na concepção de uma realidade ficcional, este que é ausente em outras manifestações artísticas, como exposto por Moisés (2006, p.165) “Sua faculdade essencial consiste em recriar a realidade: não a fotografa, recompõe-na; não demonstra ou reduplica, reconstrói o fluxo da existência com meios próprios, de acordo com uma concepção peculiar, única, original”. Na capacidade de transfusão de uma visão macroscópica da realidade, é carregada para o interior do romance a influência de outras áreas do conhecimento como História, Geografia, Economia, Filosofia e etc, na medida em que estas estão enraizadas na realidade que o romancista busca representar e transformar.

[...] o romance [...] caldeia, numa espécie de transmutação alquímica, os mananciais que para ele afluem [...] um saber enformado, refratado, pela linguagem propriamente literária, pela sistemática utilização da metáfora: é o saber modelado pela fantasia, transfigurado num contexto novo. (MOISÉS, 2006, p.166).

Diante desta reformulação dos saberes através de um prisma literário, o romance é dotado de uma multiplicidade de facetas, cuja compreensão se beneficia da contribuição de

diferentes olhares determinados por saberes externos. Ao mesmo tempo em que oferece uma contribuição às áreas que constituem sua vastidão de camadas, já que o conhecimento presente nas obras não é mais o mesmo que se encontra nos estudos formais, “[...] de onde o conteúdo psicológico do discurso literário não ser o mesmo que o da análise psicanalítica, nem o filosófico o dos textos platônicos, aristotélicos, etc.” (id., p.166).

O foco deste artigo recai sobre o romance ficcional *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*, de Mary Shelley. Diante do pressuposto do romance como representação transfigurada de sua realidade exterior, surge o questionamento de como *Frankenstein* mantém sua relevância atualmente, tendo sido publicado em 1818 e inserido em um contexto totalmente diferente do atual, sendo um romance que ainda é estudado nas esferas acadêmicas e um marco na cultura popular.

Tal entendimento do romance como ponto de confluência de saberes permitiu a possibilidade de um estudo que se estende além do mero entendimento de seu contexto específico de produção, através da identificação das temáticas presentes no tecido da obra e a maneira como estes se manifestam nos aspectos constituintes do texto. A partir do desejo de identificar os elementos presentes em *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*, responsáveis por manter sua relevância apesar dos dois séculos de publicação, foi desenvolvida uma análise temático mitológica de maneira a distinguir alguns de seus aspectos temáticos atemporais, a forma como estes se manifestaram no decorrer da história em outras narrativas, comprovando a universalidade que possibilita o diálogo entre o discurso presente na obra e o universo cognitivo dos leitores no século XXI.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Podemos encontrar manifestações da ação de narrar desde os primórdios da humanidade, com este ato sendo desenvolvido, reestruturado, renovado e adaptado durante toda a história humana, presente nos mais diferenciados contextos e formatos, porém, sempre mantendo suas qualidades essenciais.

Narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem. As gravações em pedra nos tempos da caverna, por exemplo, são narrações. Os mitos — histórias das origens (de um povo, de objetos, de lugares) —, transmitidos pelos povos através das gerações, são narrativas; a Bíblia — livro que condensa, história, filosofia e dogmas do povo cristão compreende muitas narrativas. (GANCHO, 2004, p. 4)

Portanto, o próprio ato de contar histórias possui um caráter atemporal, sobrevivendo à passagem do tempo e mudanças de cultura, enraizado em uma necessidade humana de

expressar sua subjetividade de variadas maneiras, dentre elas as narrativas. Partindo do pressuposto instaurado de que “todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos” (FIORIN, 2016, p. 21), e de narrativas como enunciado, podemos concluir que o dialogismo se torna um fator constituinte do efeito causado pelas histórias.

Compreendemos dialogismo como: as relações de sentido estabelecidas entre enunciados, na medida em que o enunciador, ao compor seu discurso, acaba considerando o discurso alheio de maneira inconsciente, sendo influenciado pelo mesmo (FIORIN, 2016). Isto ocorre também com o enunciatário durante o processo de leitura: A mensagem transmitida pelo enunciador não é interpretada exatamente como o pretendido, uma vez que o processo de leitura é constituído pela interação do discurso internalizado do enunciatário com o discurso emitido pelo enunciador. Desta forma o leitor acaba atribuindo seu próprio sentido ao texto, baseado em sua própria cosmovisão, influenciada pelo contexto em que está inserido.

Um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações dos outros; dá-se a conhecer para nós desacreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não apareça, cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. (FIORIN, 2016, p. 22)

Sendo a subjetividade humana influenciada, em certa medida, por fatores externos, e da obra literária como narrativa e, portanto, um produto social que reflete determinados valores do momento de produção e é influenciado por eles em sua interioridade (CANDIDO, 2006) surge a necessidade de um melhor entendimento dos elementos que dotam certas obras literárias de um caráter atemporal, a diferença de outras produções cuja passagem do tempo acaba por lhes proporcionar uma certa obsolescência quando analisadas fora de uma perspectiva histórica. Para isto, nós voltamos a um dos maiores exemplos de narrativas atemporais, que expressam a visão de suas culturas específicas, ao mesmo tempo em que mantém sua relevância na contemporaneidade: os mitos.

[...] aquilo que os seres humanos têm em comum se revela nos mitos. Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sendo, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar nossa história, compreender nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte, e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos. (CAMPBELL, 1991, p. 17)

Em uma primeira visão superficial, pode parecer contraditório associar uma ideia de contemporaneidade à noção de mito, uma vez que este se trata de um objeto de estudo muito utilizado para a compreensão de culturas antigas. No entanto, devemos considerar que o elemento motivador da criação do mito é a razão, esta que fundamenta um desejo inato de “encontrar as bases do ser e a estrutura fundamental da ordem do universo” (id., p. 40). Ou seja, o desejo natural do ser humano de compreender o universo ao seu redor, assim como o universo dentro de si, é o princípio fundamental das narrativas mitológicas.

A mitologia é uma maneira que grupos humanos encontraram de se relacionar com a realidade, fundamentada em um desejo de compreender e dar sentido ao mundo ao seu redor. A relevância do mito não pode ser confinada apenas ao entendimento de seus contextos de produção específica, já que suas temáticas não dialogam apenas com os valores de seu contexto de produção, mas também com questões fundamentais referentes à vida humana:

Esses bocados de informação, provenientes dos tempos antigos, que têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores [...] (CAMPBELL, 1991, p.15)

Os mitos também possuem um caráter de renovação, em função das diferentes circunstâncias em que estão inseridos, garantindo sua sobrevivência e relevância através dos tempos, seus “[...] temas são atemporais, e a inflexão cabe à cultura.” (id., p.23).

Campbell associa o fenômeno da sobrevivência dos mitos a uma qualidade universal que está presente nestas narrativas: elas expressam questões primordiais, comuns a toda a humanidade, que se manifestam na forma de uma problemática específica referente ao contexto em que surgem, mas sempre mantendo sua qualidade universal comum, “Esses dois níveis – o aspecto pessoal e o grande problema genérico, de que o problema pessoal é um exemplo particular – são encontráveis em todas as culturas. Por exemplo, todos têm o problema de enfrentar a morte. Esse é um mistério padronizado.” (id., p.47)

No entanto, o mistério padronizado deve se renovar em relação aos contextos em que está presente, se adaptando de maneira a expressar as problemáticas da cultura em que está inserido, estabelecendo um diálogo entre este tema universal e aquele recorte humano específico, “Em todo o mundo e em diferentes épocas da história humana, esses arquétipos, ou idéias elementares, apareceram sob diferentes roupagens. As diferenças nas roupagens decorrem do ambiente e das condições históricas” (CAMPBELL, 1991, p.56)

Considerando a produção literária como artística e, portanto, expressão da subjetividade humana, do inconsciente, é possível encontrar nestas narrativas temáticas que dizem respeito às problemáticas universais e que dotam certas obras de um caráter atemporal.

A partir deste fenômeno é possível fundamentar concepções a respeito do diálogo estabelecido entre a obra de Mary Shelley e narrativas mitológicas, tendo como evidência o próprio subtítulo do romance, *o Prometeu moderno*. Torna-se necessário identificar, assim, qual é a relação dialógica que o romance estabelece com narrativas mitológicas, na mesma medida em que assume um caráter mitológico, referente a suas temáticas essenciais, e a forma como este contribui para seu aspecto contemporâneo.

Um tema recorrente apresentado nas narrativas em diferentes formas é o da ambição humana como aspecto negativo quando desmedido e, portanto, levando o ser humano a uma arrogância que o faz acreditar que possui um estado transcendental que o coloca acima ou em mesmo patamar ao de poderes superiores, consequentemente entrando em conflito com os mesmos e resultando em sua própria ruína.

Este orgulho diante de forças superiores e a tendência do ser humano a se colocar como um ser superior pode ter origem em uma negação de nosso estado animal e, consequentemente, de nossa mortalidade. A filósofa Martha Nussbaum (2010) expõe esta dualidade no interior dos seres humanos, resultando do conflito entre uma grande capacidade cognitiva e uma impotência física diante do mundo ao nosso redor:

Entender do que se trata este “conflito interno” requer que pensemos sobre esta narrativa singular: sobre a estranha combinação de competência e impotência dos seres humanos; sobre nossa relação problemática com a impotência, mortalidade e finitude; sobre nosso persistente desejo de transcender condições que são muito dolorosas para qualquer ser inteligente aceitar. (NUSSBAUM, 2010, p.30-31, tradução nossa)¹

O ser humano busca constantemente superar seu estado impotente de mero animal em um impulso desesperado de transcender, manifestado como arrogância diante das forças maiores e uma tentativa de superá-las.

¹Understanding what the “clash within” is all about requires thinking about this strange sui generis narrative: about human beings’ strange combination of competence with helplessness; our problematic relationship to helplessness, mortality, and finitude; our persistent desire to transcend conditions that are painful for any intelligent being to accept.

Esta temática se apresenta na narrativa mitológica da Grécia Antiga referente à existência de dois gêneros (masculino e feminino) e suas conseqüentes atrações físicas em relação a um outro externo. No mito havia três sexos humanos: masculino, feminino e andrógino. Este terceiro composto por uma junção de duas pessoas:

[...] os homens possuíam formas redondas, tinham costas e flancos ao redor, quatro mãos e quatro pernas, duas faces semelhantes sobre um pescoço redondo, uma só cabeça para esses dois rostos opostamente colocados, quatro orelhas, dois órgãos de geração, e tudo mais na mesma proporção (PLATÃO, 2017, p.36)

Estes andróginos, em conseqüência de suas complexões, possuíam uma capacidade física acima do ser humano convencional, resultando em arrogância e motivando-os a tentar subir até os céus e atacar os deuses, assim se colocando contra poderes superiores:

Esses homens eram assim esféricos, em sua forma e sua movimentação, porque se assemelhavam a seus progenitores. Seus corpos eram robustos e vigorosos e a sua coragem muito grande. Isso inspirou-lhes audácia e resolveram escalar o céu e atacar os deuses [...] (id., p. 37).

Diante de tal desrespeito, os deuses decidiram dividir os andróginos em dois, desta maneira não destruiriam a raça humana que os venerava, e colocariam um fim a sua insolência.

[...] cortarei cada um deles em duas partes, e assim obteremos esta dupla vantagem: ficarão mais fracos e mais úteis, porque serão mais numerosos para nos servir. Caminharão tesos sobre duas pernas apenas. Se persistirem em revoltar-se e não quiserem ter paz, dividirei mais uma vez cada um deles em outras duas partes, e assim caminharão sobre um só pé. (id., p.37)

Tal narrativa mitológica, apesar de buscar uma explicação para a existência de dois gêneros e a conseqüente atração por uma outra metade, traz a temática da ambição humana desmedida e as conseqüências de enfrentar poderes superiores – temática igualmente presente no romance de Mary Shelley a partir da personagem Victor Frankenstein que recria vida a partir da matéria inanimada.

Com o subtítulo *o Prometeu moderno*, Mary Shelley nos convida a estabelecer relações entre sua obra e o mito de Prometeu. A temática da ambição e da oposição em relação a poderes superiores se manifestam de uma maneira diferente na narrativa de Prometeu, apesar da estrutura principal se manter. O titã Prometeu criou os seres humanos a partir de argila e terra, a imagem e semelhança dos deuses do olimpo. No entanto, Zeus decretou que estes deveriam permanecer mortais e subservientes aos deuses, adorando-os

de baixo. Prometeu, não concordando com o destino decretado por Zeus a suas criações, decidiu enganar o deus de maneira a dar aos seres humanos alguma vantagem: Ao receber a tarefa de decidir como os sacrifícios em nome dos deuses deveriam ser feitos, Prometeu matou um touro e o dividiu em duas partes. De um lado colocou a carne e pele, envolvendo-as no estômago do animal; do outro, colocou os ossos, mas os cobriu com uma grande camada de gordura. Zeus escolheu a parte que lhe parecia mais atrativa: A gordura com os ossos. Ao descobrir que fora enganado por Prometeu, Zeus ficou enfurecido e decidiu punir a raça humana, tirando-lhes o fogo. Prometeu novamente decide ir contra as decisões de Zeus, escalando o monte olimpo e roubando o fogo para entregá-lo aos seres humanos: “Os benefícios que fiz aos mortais atraíram-me este rigor. Apoderei-me do fogo, em sua fonte primitiva; ocultei-o no cabo de uma fôrula, e ele tornou-se para os homens a fonte de todas as artes e um recurso fecundo...” (ÉSQUILO, 2005, p.13). Como punição, Zeus mandou acorrentar Prometeu a uma montanha onde, todos os dias, seu fígado seria comido por uma ave, crescendo de novo durante a noite, para poder ser devorado novamente no dia seguinte. A diferença das duas narrativas anteriores, o opositor ao poder superior não entra em conflito com tais forças motivado por um desejo pessoal de se colocar acima dos deuses, e sim por um impulso altruísta em relação a sua criação. No entanto, a temática principal se mantém: um ser se opõe aos poderes superiores e é punido gravemente por isso.

A temática da ambição desmedida, aliada à arrogância humana diante de sua condição mortal levando-o a crença de estar acima de poderes superiores e, conseqüentemente, trazendo sua ruína, é preponderante em *Frankenstein*. Esta se mostra presente no arco narrativo dos três personagens que atuam como narradores em primeira pessoa no decorrer do romance: Capitão Robert Walton, Victor Frankenstein e sua Criatura.

O romance inicia com as cartas do capitão Robert Walton que, no decorrer da narrativa, desempenha a função de um narrador observador, cujas cartas escritas para Margaret, sua irmã, abarcam o restante da narrativa de maneira diegética, assim como serve de espectador diante dos eventos absurdos que irão se desenrolar nas fases subsequentes. No entanto, nesta fase inicial, Walton acaba funcionando como um prelúdio das temáticas que serão abordadas no decorrer do romance e como reflexo do protagonista, Victor Frankenstein, introduzindo o leitor as ideias principais que irão ser desenvolvidas através do enredo.

Somos introduzidos à narrativa através das cartas escritas por Walton e destinadas para sua irmã. Devido ao relato ser em primeira pessoa, não temos uma perspectiva externa na caracterização do personagem e sim indícios marcados fortemente pela subjetividade do mesmo, o que nos permite abstrair suas características psicológicas, sua história e seus objetivos. O capitão se mostra um homem de grande ambição, empreendendo uma viagem a uma região ainda não descoberta dos polos, apesar dos altos riscos que representa esta empreitada. Walton é motivado por um senso de realização pessoal e sede de conhecimento, impulsionado por um sonho de juventude, ao qual acaba atribuindo um caráter mítico: Walton descreve a viagem como se estivesse realizando um grande propósito que fora destinado a ele, a descoberta de aquelas terras prometidas, e que com seus resultados iria conquistar a glória e trazer grandes contribuições à humanidade, como pode ser visto no segmento a seguir:

Devo descobrir, lá, o prodigioso poder que atrai a agulha da bússola e regula milhares de observações celestiais que necessitam somente desta viagem para traduzir suas aparentes excentricidades em algo para sempre consistente. Deverei saciar minha curiosidade ardente com a visão de uma parte do mundo nunca antes visitada e pisarei em uma terra que jamais conheceu as pegadas do homem. Estes são meus encantos e eles bastam para dominar todo o medo do perigo e da morte [...] (SHELLEY, 2017, p.33)

Esta temática será refletida no protagonista, Victor Frankenstein, apresentando as mesmas características que motivam o personagem Robert Walton em sua empreitada. No início da narrativa de Victor Frankenstein, comenta em múltiplos momentos sobre seu desejo que tem desde a infância e que, muitas vezes beira o descontrole, de desvendar os segredos do mundo:

Meu temperamento era, por vezes, violento e as paixões, veementes; porém, por influência de alguma disposição interior, elas não se voltavam para ocupações infantis, mas para um desejo ávido por aprender todas as coisas indiscriminadamente[...] Eram os segredos do céu e da Terra que desejava aprender.” (SHELLEY, 2017, p.53).

Esta sede de conhecimento logo iria, também, ser impregnada pelo caráter mítico e heroico que Robert Walton atribuiria à sua empreitada, quando Victor Frankenstein realiza mais adiante a descoberta de como devolver vida à matéria morta:

Vida e morte pareciam para mim fronteiras ideais que deveria, primeiramente, transpor, despejando uma torrente de luz em nosso mundo sombrio. Uma nova espécie abençoar-me-ia como criador e origem; muitas personalidades felizes e excelentes deveriam a mim a própria existência. (SHELLEY, 2017, p.69).

Ambos os personagens compartilham de um senso de grandeza que julgam colocá-los acima da maioria das pessoas, portanto transcendendo a humanidade como seres superiores destinados a grandes feitos e com virtudes acima do convencional. Tais fatos são evidenciados no isolamento involuntário dos personagens do restante da humanidade, conseguindo apenas estabelecer relações significativas com indivíduos específicos dotados de virtudes elevadas, consequentemente posicionando-os em um patamar similar. Este fenômeno é demonstrado na necessidade de Walton em possuir um amigo que compartilhasse de características similares às próprias: “Não tenho ninguém próximo a mim, gentil, mas corajoso, possuidor de uma mente culta, bem como capacitada, cujos gostos sejam como os meus, para aprovar e aperfeiçoar meus planos.” (SHELLEY, 2017, p.36).

No caso de Victor Frankenstein o isolamento, como expresso por ele em seu relato: “Era próprio de meu temperamento evitar a multidão e unir-me com fervor a poucos” (SHELLEY, 2017, p.53), não resultou em sofrimento, uma vez que, a diferença de Walton, este possuiu a companhia a qual o capitão tanto desejava, representada tanto em sua prima adotiva Elizabeth, que possuía a afeição e a serenidade que complementavam a mente ardorosa de Victor: “Harmonia era a alma de nossa relação, e a diversidade e o contraste que subsistiam em nossos temperamentos nos tornavam ainda mais próximos.” (SHELLEY, 2017, p. 54); quanto em seu amigo Henry Clerval, cujas aspirações ambiciosas se revelam através de seu amor por aventura e coragem: “Em geral, eu era indiferente, portanto, a meus colegas de escola, mas criei laços da mais profunda amizade com um deles. Henry Clerval [...] Um menino de enorme imaginação e talento singular. Amava a iniciativa, a dificuldade e mesmo o perigo por amor à aventura” (SHELLEY, 2017, p.54).

Este impulso de se relacionar apenas com seres de virtude semelhante é provado também no encontro entre Robert Walton e Victor Frankenstein, a dinâmica entre os dois personagens serve tanto como evidência da similaridade entre ambos, com o capitão se afeiçoando rapidamente a Victor, quanto do contraste, Walton cheio de ardor e ambição, e Victor consumido pelo pesar e já tendo sofrido as consequências de tais características. Walton imediatamente se vê fascinado pela figura de Victor, observando nele manifestações das características comuns a ambos e as quais tanto desejava em um amigo:

Nunca vi criatura mais interessante: os olhos carregam, em geral, uma expressão de impetuosidade, até mesmo de loucura, mas há momentos em que, se alguém lhe concede um ato de bondade ou lhe presta o mais insignificante serviço, todo o seu rosto se acende, por assim dizer, com um raio de benevolência e docilidade que jamais vi igual (SHELLEY, 2017, p.42).

Tal fenômeno apenas é reforçado pela rapidez com a qual Walton se afeiçoa à figura de Victor, como exposto em suas declarações inseridas nas cartas: “[...] começo a amá-lo como a um irmão[...]

” (SHELLEY, 2017, p.44). No entanto, à medida que as semelhanças entre ambos são apresentadas, também são relevadas diferenças, pautadas no contraste entre o otimismo ardoroso de Walton e a melancolia e angústia de Victor Frankenstein: “Porém, via de regra, é melancólico e desanimado e, às vezes, range os dentes, como se incapaz de suportar o peso dos infortúnios que o oprimem.” (SHELLEY, 2017, p.43)

Em seguida o próprio Victor Frankenstein expõe a semelhança entre ambos como um aspecto negativo: “Homem infeliz! Compartilha de minha loucura? Também sorveu um líquido intoxicante? Ouvi, deixai-me revelar minha história, e você arrancará a taça de seus lábios!” (SHELLEY, 2017, p.45). O uso de termos como “loucura”, “infeliz” e “intoxicante” para se referir ao capitão e às suas aspirações, somadas à declaração de que ele, Walton, deveria abandonar estes elementos após escutar a narrativa contada por ele, atuam como um prenúncio da ruína que será apresentada no decorrer do enredo.

A dinâmica de oposição entre ser humano e um poder superior não se manifesta na forma de uma deidade como exposto nos mitos apresentados anteriormente, mas assume a forma de um conflito entre o homem e a natureza. O capitão Robert Walton se decide a enfrentar as condições adversas dos polos e seus perigos para explorar regiões nunca visitadas por homem algum e trazer grandes contribuições à humanidade, em uma busca motivada por glória pessoal e um senso de destino. Já Victor Frankenstein, motivado por sentimentos similares, diretamente viola as leis naturais, decidindo agir como um deus e criar vida a partir de partes de corpos: “Uma nova espécie abençoar-me-ia como criador e origem; muitas personalidades felizes e excelentes deveriam a mim a própria existência. Nenhum pai poderia reivindicar a gratidão de seu filho a de maneira tão completa quanto eu reivindicaria a deles” (SHELLEY, 2017, p.69). Este impulso de ambição resulta na punição de ambos. Robert Walton e sua embarcação acabam cercados por montanhas de gelo e correm o risco constante de ser esmagados; Victor Frankenstein passa por uma série de desventuras e tragédias causadas por sua própria criação, causando uma vida de angústias e resultando em sua morte.

O mal da ambição também se manifesta na Criatura que, após ter passado por inúmeros sofrimentos, culpa Victor Frankenstein por seus infortúnios e desenvolver um ódio mortal contra a humanidade, jurando vingança contra seu criador.

Só de você poderia esperar por socorro, embora não tivesse nenhum sentimento por sua pessoa, a não ser o ódio. [...] Meus sofrimentos também foram ampliados pela sensação opressiva de injustiça e ingratidão que me infligiram. Jurava diariamente por vingança - uma vingança intensa e mortal, como se apenas isso pudesse compensar os ultrajes e a angústia que sofrera. (SHELLEY, 2017, p.148-149)

A Criatura, impelida por paixões negativas, se dedica a destruir a vida de Victor, tirando a vida de seu irmão, sua esposa e seu melhor amigo, causando indiretamente a morte de seu pai e de Justine. Com a morte de Victor, realiza o desejo de suas paixões, apenas para admitir ao final que isso apenas lhe trouxe mais dor.

Pensa que, então, estava imune à agonia e ao remorso? [...] Ele não sofreu na consumação da façanha. Oh! Nem um décimo do milésimo do que foi minha angústia durante o prolongado pormenor de sua execução. Um egoísmo assustador impelia-me, à medida que meu coração era envenenado pelo remorso. Pensa que os gemidos de Clerval foram música para meus ouvidos? Meu coração foi feito para ser suscetível ao amor e à compaixão e, quando conduzido pela infelicidade ao vício e ao ódio, não suportou a violência da mudança sem afligir-se de um modo que jamais poderia imaginar. (SHELLEY, 2017, p. 223)

O caráter moralizante da narrativa em relação aos males da ambição é reforçado na divergência do arco narrativo de Robert Walton em relação ao da Criatura e ao de Victor Frankenstein. Ambos os personagens, a Criatura e Victor, perseguiram a vontade de suas paixões independente das consequências e, ao consegui-la, trouxeram suas respectivas ruínas.

Victor Frankenstein, em seus últimos momentos, se despede de Walton com um último conselho: “Busque felicidade na tranquilidade e evite a ambição, mesmo que seja como inocente desejo de distinguir-se nas ciências e descobertas. Por que, no entanto, digo isso? Eu mesmo fui destruído nessas esperanças, porém, outro poderá ser bem-sucedido.” (SHELLEY, 2017, p. 222). Robert Walton toma a decisão ética de não prosseguir com sua empreitada para não expor sua tripulação a maiores riscos e perigos em nome de seu objetivo, abandonando sua ambição anterior onde havia declarado que “A vida ou a morte de um homem seriam presos irrisórios a se pagar pela aquisição do conhecimento que busco” (SHELLEY, 2017, p. 44). O arco narrativo de Walton difere ao dos outros dois personagens, apresentando uma mudança em sua interioridade ao abandonar o objeto de suas paixões, assim respeitando as vontades da natureza e evitando a consequente ruína que resultaria de ultrapassar os limites impostos pela mesma.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em perspectiva dos resultados adquiridos nesta Iniciação Científica, podemos elaborar hipóteses referentes ao aspecto atemporal presente na obra *Frankenstein, ou O Prometeu Moderno*. A investigação se iniciou a partir do questionamento de como uma obra escrita há dois séculos, sendo influenciada pelo contexto de produção em sua interioridade, se mantém relevante nos dias atuais através da identificação do universo cognitivo do leitor com os aspectos da narrativa.

Através de uma análise da história do ato narrativo, se torna evidente que o ser humano tem buscado expressar sua subjetividade desde sua origem, influenciado pelo momento em que está inserido. Então, associamos o ato narrativo a uma necessidade intrínseca do ser humano, um impulso comunicativo que sobreviveu através dos tempos e é, portanto, atemporal.

O fenômeno de narrativas atemporais se mostrou algo comum na história humana na forma de mitos, histórias fundamentadas no desejo do homem em compreender e dar sentido ao universo vasto que o rodeia, estes que possuem um aspecto de renovação através dos tempos, com temáticas e elementos comuns que se repetem no decorrer da história e em diferentes contextos. Esta recorrência de elementos leva a hipótese da existência de problemáticas universais a todos os seres humanos, independente do meio em que estão inseridos, certos elementos similares irão surgir em narrativas produzidas e irão se renovar de acordo com o contexto em que estão presentes, assumindo as problemáticas da sociedade exterior à obra e do autor, resultando em uma obra ao mesmo tempo individual e universal.

Ao recorrer ao estudo de narrativas mitológicas de diferentes procedências, foram identificadas recorrências temáticas e de estrutura narrativa em comum com o romance *Frankenstein, ou o Prometeu Moderno*: Um arco narrativo comum às personagens. Em todas as narrativas expostas, a temática dos perigos da ambição desmedida está presente, em uma estrutura na qual um personagem com ilusões de grandeza, acaba decidindo se opor a forças superiores, estas sendo representadas tanto por figuras divinas quanto pela própria natureza, resultando em sua consequente ruína. *Frankenstein* apresenta este arco em seus três personagens: Victor Frankenstein, A Criatura, e Robert Walton. Seu caráter moralizante, outra característica dos mitos, se torna evidente no contraste entre o arco narrativo de Robert Walton em comparação com o de Victor Frankenstein e A Criatura: ao contrário dos personagens recém-mencionados, Robert Walton decide abandonar sua

ambição e arrogância, desistindo da oposição a forças maiores e, portanto, poupando a si mesmo da ruína resultante.

A temática da ambição desmedida e orgulho diante de um poder superior encontra sua universalidade na natureza humana, em uma negação de seu estado animal e mortalidade, resultante de um conflito entre o avançado desenvolvimento cognitivo humano, que acaba por diferenciá-lo do restante dos animais, e uma grande impotência física diante do mundo. Esta dinâmica conflitiva resulta em uma busca constante do ser humano em superar sua mortalidade, buscando meios de transcender além das forças superiores da natureza que regem nosso mundo.

Portanto, é possível atribuir uma carga de atemporalidade do romance *Frankenstein*, ou o *Prometeu Moderno*, ao diálogo estabelecido entre a temática da ambição humana desmedida, vista como algo perigoso, e o aspecto humano universal de busca desesperada pela transcendência de um estado animal, hipótese reforçada pela recorrência da mesma temática em narrativas mitológicas de diferentes contextos.

4. REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1991.
- CANDIDO, Antonio [et al]. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- ÉSQUILO. **Prometeu acorrentado**. [S.l.] Ebooks Brasil, 2005. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/prometeu.pdf>. Acesso em: 31/01/2020.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.
- GANCHO, Cândida V. **Como analisar narrativas**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária: Prosa I**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- NUSSBAUM, Martha. **Not for Profit: Why Democracy Needs the Humanities**. New Jersey: Princeton University Press, 2010.
- PLATÃO. **O Banquete**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- SHELLEY, Mary. **Frankenstein, ou o Prometeu Moderno**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2017.
- SHELLEY, Mary. **Frankenstein, or The Modern Prometheus**. New York: Penguin Books, 2007.

Contatos: dubrasantiago@gmail.com e liliancorrea@mackenzie.br

